

Frieden defende atenção aos que estão na periferia

Para pesquisador de Harvard, capitalismo global depende de sua capacidade de crescer de forma sustentada. Por **Renato Perim Colistete**, para o Valor, de São Paulo

"Capitalismo Global - História Econômica e Política do Século XX".

Jeffrey A. Frieden
Jorge Zahar, 572 págs., R\$ 69,50

"Capitalismo Global — História Econômica e Política do Século XX", novo livro de Jeffrey Frieden, é uma obra notável que já ocupou o seu lugar entre as mais bem-sucedidas tentativas de oferecer uma história da economia global do fim do século XIX à atualidade. Frieden, professor de ciência política de Harvard, é um dos mais proffucios pesquisadores de economia política internacional. É autor também de um importante livro — infelizmente pouco conhecido no Brasil — sobre a economia política do desenvolvimento da América Latina, que dá destaque à experiência brasileira de crescimento acelerado com endividamento que entrou em colapso no início da década de 1980.

"Capitalismo Global" é notável por várias razões, com destaque para duas. A primeira, pela habilidade do autor de contar sua história de maneira objetiva e clara, sem usar jargão acadêmico. Frieden tem uma capacidade rara de expor conceitos e teorias de maneira didática para o não-especialista. Assim é que a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo (1772-1823) é apresentada com clareza, da mesma forma, por exemplo, que o modelo Heckscher-Ohlin (de especialização comercial do país em produtos intensivos no fator de produção abundante), o funcionamento do padrão ouro na abordagem clássica do iluminista escocês David Hume (1711-76), a teoria

da demanda efetiva de John Maynard Keynes (1883-1946) e as formulações sobre a Industrialização Substitutiva de Importações (ISI) na América Latina e em outras regiões.

A segunda razão é que o livro traz uma quantidade enorme de dados e informações sobre eventos, países e personagens da história econômica e política do século XX. Embora a perspectiva seja global, Frieden adota a estratégia de reservar espaço para descrições relativamente detalhadas das histórias de países como Índia, Uruguai, Suécia, Coreia e Brasil, além dos tradicionais europeus, EUA, União Soviética/Rússia e Japão.

Da mesma forma, intercala histórias de personagens representativos de fatos discutidos, como o financista Nathan Rothschild (1840-1915), "figura política e economicamente central para a era de ouro"; o rei Leopoldo II (1835-1909) da Bélgica, responsável pelo saque do chamado Estado Livre do Congo; Hjalmar Schacht (1877-1970), arquiteto da recuperação econômica da Alemanha nos anos 1930 sob o governo nazista; e Maynard Keynes, autor de uma revolução intelectual na forma de entender a ação do Estado e o funcionamento da economia capitalista.

A organização do livro é tradicional e eficiente, com quatro partes subdivididas em cinco capítulos cada uma, além das conclusões. A primeira parte trata da "Era de Ouro", entre 1896 e 1914; a segun-

da, do início da Primeira Guerra ao fim da década de 1930; a terceira, da Segunda Guerra até o choque do petróleo de 1973; e a quarta, do período de 1973 a 2000, denominado pelo autor de globalização.

Segundo Frieden, a globalização atingiu seu ápice em 1914 sustentada pelo regime monetário do padrão ouro, que teve na hegemonia britânica e em um ambiente internacional cooperativo entre bancos centrais e governos seus principais fiadores. A Primeira Guerra representou o fim dessa era de integração internacional e prosperidade, apesar das tentativas de sua restauração durante a década de 1920.

O colapso definitivo veio com a crise de 1929 e a Grande Depressão, que estimularam a autarquia como estratégia em boa parte dos países. A recuperação do terreno perdido teria ocorrido no pós-Segunda Guerra, mas ainda limitada pela combinação de integração internacional e independência das políticas econômicas e sociais nacionais. O fim do padrão ouro-dólar em 1971, o choque do petróleo em 1973 e a reorientação da política externa dos Estados Unidos para seus objetivos domésticos em detrimento dos seus compromissos internacionais como país hegemônico, inaugurariam uma nova fase em que a globalização retomaria seu vigor pré-1914 por meio das rápidas transformações tecnológicas e integração dos mercados financeiros internacionais.

Em cada período, Frieden articula fatos políticos e econômicos, desenvolvimentos internacionais e nacionais, indivíduos e estruturas. A obra é rica na descrição de dados e eventos e também nas hipóteses e interpretações. Estas são em geral bem fundamentadas, embora algumas generalizações, típicas da economia política comparada da qual o autor é destacado representante, sejam exageradas ou até equivocadas. Por exemplo, parece um exagero a afirmação de que os latino-americanos se mantiveram isolados da economia mundial da década de 1930 ao início da de 1950 e um equívoco o argumento de que, na América Latina, um "tipo de empresário nacionalista, quase fluente na retórica marxista sobre os perigos do capitalismo estrangeiro, tomou a liderança" de aliança que deu forma à Industrialização Substitutiva de Importações.

Alguns capítulos se destacam, como o 9, que analisa a reorientação para a autarquia, e o 10, sobre a construção da social-democracia no entre-guerras, em particular para o público brasileiro, por conter informações e análises dificilmente encontradas em outras obras disponíveis em português. Os problemas da economia global são tratados nos capítulos 5 e 20, o último.

Como uma lição da história, para Frieden o futuro do capitalismo global depende de sua capacidade de crescer de forma sustentada e de ter algo a oferecer aos que estão fora do círculo dos beneficiários diretos da globalização.

Renato Perim Colistete é professor de história econômica do Departamento de Economia da FEA-USP



Keynes, um dos muitos formuladores econômicos bem analisados no livro